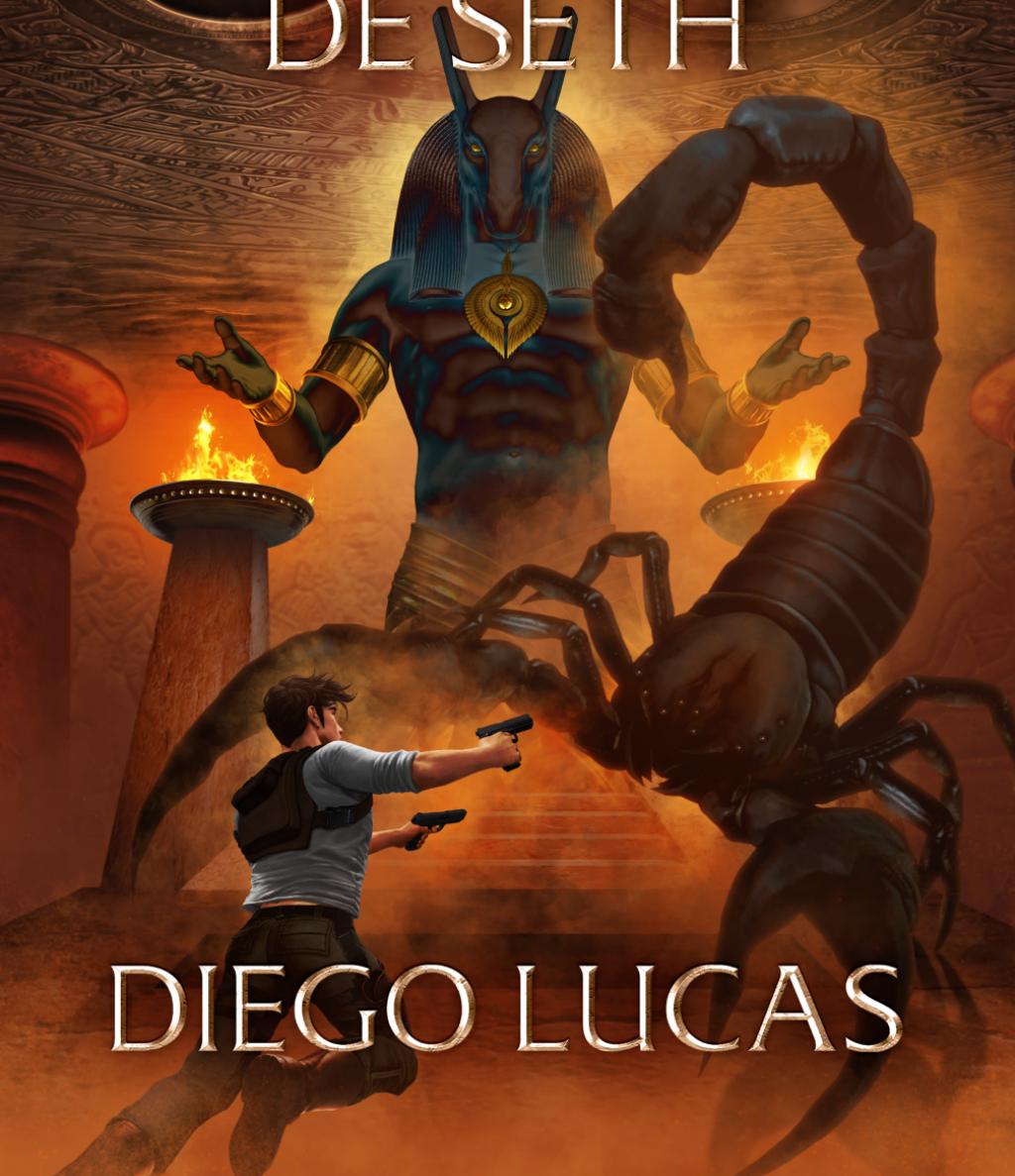


AS AVENTURAS DE ALEX CANYON

# OS ESCARAVELHOS DE SETH



DIEGO LUCAS

AS AVENTURAS DE ALEX CANYON

OS

ESCARAVELHOS

DE SETH

DIEGO LUCAS

*Os Escaravelhos de Seth (As Aventuras de Alex Canyon #1)*  
Copyright © 2024 by Diego Lucas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do autor, exceto no caso de citações breves incorporadas em resenhas críticas e em certos outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

ARTE & DESIGN DA CAPA  
Benjamin P. Roque

Primeira edição, outubro de 2024  
ISBN 978-1-0687427-0-5

Publicado por Diego Lucas  
[www.diegolucas.com](http://www.diegolucas.com)

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação do autor ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos, lugares, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

*Para Marilea,  
Que me iniciou na jornada de escritor.*



# PRÓLOGO

---

A mão de Johnny West tremia antes mesmo de tocar o afro puxador de metal da porta de vidro fosco. Seus dedos pareciam traí-lo, revelando sua própria insegurança. Suor escorria pelo seu pescoço, e tornava a gola da camisa branca desconfortavelmente úmida. Ele agradeceu silenciosamente por não estar usando gravata; a sensação de sufoco naquele momento seria pior que a própria morte.

Ele fechou os olhos por um breve momento, inspirando fundo para acalmar os dedos inquietos que agora repousavam sobre o puxador. Com a determinação renovada, finalmente empurrou a porta à sua frente.

A sala de conferências da West Enterprises era um espaço sofisticado. Painéis de madeira escura revestiam as paredes decoradas com obras de arte abstrata e cadeiras estofadas de couro circundavam a impecável mesa de conferência de madeira polida. Mesmo assim, a baixa iluminação no ambiente causou um arrepião em Johnny, e as pessoas ali dentro arruinaram suas esperanças de se acalmar.

Um grupo de homens e mulheres vestidos de preto o estudou com olhares apreensivos. Sentados ao redor da longa mesa de conferência, suas expressões carrancudas revelavam, ao mesmo tempo, impaciência e medo — impaciência para concluir seus planos, e medo pelo que aconteceria se falhassem.

Com um desprezo quase palpável, eles voltaram seus olhares para a figura no extremo da mesa, que falava com uma autoridade indiscutível.

O homem, de aparência envelhecida, porém impetuosa, ocupava seu assento na penumbra, de costas para a ampla janela oculta por cortinas escuras. Seu terno cáqui sem gravata, feito sob medida, causava um contraste notório entre os demais e apenas aumentava a arrogância explícita em sua voz.

“—e não podemos desviar o curso de nosso propósito,” ele dizia em tom alarmado, parecendo ignorar por completo a presença tardia de Johnny, “ou *nunca* seremos capazes de obter controle sobre nossos inimigos.”

Johnny avançou calmamente em direção à sua cadeira, seus passos em perfeita sincronia com a sua respiração. Sentou-se na extremidade oposta a William Wright, no outro lado da mesa, e observou-o com olhos gélidos. Embora parecesse atento, sua mente estava perdida em pensamentos dentro de uma expressão neutra. Aquele era o homem que lhe causava tanto anseio.

*Velho maldito!* Ele recostou-se em seu assento e suspirou, o semblante sereno. Irritação e impaciência faziam com que seus dedos, que seguravam os braços da cadeira de maneira firme, formigassem. Estava cheio de tantas reuniões que apenas tomavam seu tempo e não levavam a lugar algum.

“Nosso tempo está se esgotando,” a voz de William Wright se intensificou no discurso que se estendera por vários minutos e fitou Johnny com desagrado, “e ainda não temos *nenhum* dos escaravelhos!”

Johnny se mexeu em sua cadeira. O desconforto se tornou mais opressivo quando percebeu o olhar penetrante de Wright. Seus esforços para localizar e obter os escaravelhos estavam lentos, e ele sabia que cedo ou tarde, todos naquela sala se voltariam contra ele.

De repente, a morte não parecia tão terrível.

“Estamos trabalhando nisto, Sr. Wright,” ele se forçou a dizer com respeito, seu rosto voltado para o homem, ostentando um sorriso suave e cínico. O tom de sarcasmo em sua

voz foi brevemente percebido por Wright, que ainda tinha seus olhos sobre ele. “Amanhã mesmo meus homens estarão na Bolívia. Acredito que a pesquisa, de fato, nos levará até o artefato.”

William Wright ignorou suas palavras e sorriu, mas não por estar satisfeito. Ele nunca estava satisfeito. Seu sorriso era um mero reflexo de seus pensamentos ocultos e do poder de seu amuleto pulsando em suas veias.

Inconscientemente, sua mão direita se ergueu lentamente em direção ao amuleto que pendia de um cordão em seu pescoço. O objeto assumia a forma de uma serpente com seu corpo entrelaçado em espirais perfeitos. A cabeça peçonhenta se curvava para baixo, seus olhos cintilantes cor de topázio irradiando uma aura obscura que nutria constantemente as fantasias de Wright.

Ele levantou-se em seguida, apoiando-se em sua bengala esculpida com a cabeça do deus egípcio Seth, cujos olhos escarlates transmitiam poder, e caminhou com certa dificuldade até o pedaço de papiro exposto sobre a parede à sua direita.

O papiro retratava o próprio deus Seth em sua forma original: o corpo humano e a cabeça de um animal de focinho longo e orelhas quadradas. O deus do mal segurava o cetro *Was* na mão direita e o amuleto *Ankh* na esquerda — símbolos do poder e da vida. Na cabeça, ele ostentava a coroa *Sejemti*, que simbolizava a união do Alto e Baixo Egito e vestia uma saia *shendyt*.

“A Ordem de Seth *deve* ser capaz de conquistar o controle,” ele reafirmou. “E isso só será possível quando reunirmos os escaravelhos de Seth, o que deve ser feito o mais rápido possível! Somente então poderemos vingar a queda de Lorde Seth.”

Um murmúrio se espalhou sorrateiramente pela sala, agitando os pensamentos de Wright. Anos de sua vida foram desperdiçados com estudos e pesquisas intermináveis para só

agora se aproximar de seu objetivo principal e ele não pretendia desistir. Para isso, estava disposto a sacrificar tudo e todos que cruzassem seu caminho.

“Não podemos perder esta chance!” Rosnou Wright, o olhar mais uma vez direcionado a Johnny. “Temos três meses até que o ciclo do pássaro Bennu esteja completo mais uma vez, e precisamos nos apressar se quisermos completar nosso objetivo.”

Ele permitiu que um silêncio deliberado pairasse no ar, uma pausa cuidadosamente orquestrada.

Wright sabia que o tempo em si não tinha conexão alguma com os escaravelhos, mas a tensão que o silêncio causava era uma ferramenta valiosa em suas mãos, mantendo a pressão em cada membro da Ordem para que tudo corresse como planejado. Ele precisava manter seus aliados adeptos a suas palavras, uma vez que o dinheiro deles financiava todas as suas operações sem questionamento.

Os membros da Ordem acreditavam piamente que o pássaro Bennu era a engrenagem vital que fazia os escaravelhos pulsarem vida. Mas a verdade era um oceano mais profundo, um jogo de espelhos onde as sombras do que parecia ser encobriam a verdadeira natureza do que realmente era. O plano era outro e Wright não pretendia contar a verdade. Pelo menos não até que o momento chegasse.

“Portanto, terá apenas trinta dias para encontrar e me entregar os escaravelhos,” disse Wright, a voz afiada como a lâmina de uma adaga. “Do contrário, receio que sua presença, Sr. West, será indesejada entre nós.”

Johnny sentiu seu coração pulsar adrenalina em suas veias ao ouvir seu nome. Depois de uma breve pausa, ele se ergueu da cadeira. Era uma luta silenciosa entre ele mesmo e a fúria que borbulhava sob a superfície de sua pele, ameaçando explodir em um espetáculo de ira. Mas seu olhar desafiador permaneceu fixo em Wright, uma fagulha de

rebeldia que se recusava a ser extinta.

Há alguns meses, Johnny havia desvendado a verdade sobre as intenções de Wright com os escaravelhos, graças à ajuda de um informante infiltrado em suas escavações. Era quase intrigante assisti-lo tecer suas mentiras com tal artifício perante os membros da Ordem.

*Eu os encontrarei, Sr. Wright*, prometeu Johnny em pensamento, enquanto iniciava seu caminho em direção à saída da sala de conferências. *E quando eu os encontrar, a Ordem de Seth verá surgir um novo líder!*

“Estamos entendidos?!” lançou William Wright, a voz reverberando em tom definitivo.

“Sim...” Johnny respondeu.

Com um esforço concentrado para manter a serenidade, ele agarrou o puxador da porta e a puxou para si de maneira suave, deixando a sala logo em seguida sem dizer mais uma palavra. O som da porta se fechando foi a única nota que ecoou durante alguns instantes, enquanto todos os membros da Ordem retornavam seus olhares apreensivos para Wright.

“Ótimo,” murmurou o líder da Ordem, o tom suave retornando à sua voz.

Wright fez seu caminho até as grandes janelas de vidro da sala, apoiado em sua bengala, e contemplou Nova York sob o crepúsculo através da abertura central das cortinas. Seus olhos, à meia luz, ganhavam gradualmente um amarelo vívido, refletidos pelo vidro escuro, alimentando a confiança de que todos os seus planos dariam certo a partir de então.

*Três meses até o pássaro Bennu estar pronto para o ciclo,* pensou ele, os olhos amarelos ganhando ainda mais intensidade. *Se eu trabalhar de acordo com o plano e rapidamente, não terei que me preocupar com nada.*

“Reunião encerrada!” Disse ele secamente, virando a cabeça apenas o suficiente para manter seus olhos ocultos. “Voltem a seus afazeres!”

Os membros da Ordem se levantaram de forma rápida e silenciosa, deixando Wright sozinho na sala com seus pensamentos. E o silêncio. Wright apreciava o silêncio mais que qualquer coisa.

Naquele momento, o som repentino do seu telefone interrompeu seu breve instante de paz, mas isso não o incomodou. Um olhar de animação surgiu em seu rosto ao ler o nome na tela, sabendo imediatamente qual seria o tópico daquela ligação.

“Viktor,” disse ele, pronunciando o nome de seu associado que cuidava de suas operações no Mar Mediterrâneo, a voz confiante. “Traz boas notícias, eu espero?”

Houve uma pausa quase dramática.

“Encontramos as ruínas do templo, senhor,” afirmou Viktor do outro lado, cujo timbre grave acompanhava um sotaque eslavo marcante.

Wright não disse mais nada. Não conseguiu. Tudo o que fez foi sorrir novamente. Ele sabia que sem o pássaro Bennu, os escaravelhos seriam inúteis para seu propósito, mesmo que fossem poderosos. Mas ele afastou tal pensamento; não havia espaço para falhas, não agora que estava tão perto de ter sucesso.

“Finalmente!”

As portas do elevador se abriram no último andar da West Enterprises ao toque suave da campainha no instante em que Johnny ajustava a gola de sua camisa.

Ele marchou lentamente para o seu escritório, a expressão séria. As paredes revestidas com painéis de madeira escura conferiam uma atmosfera elegante e profissional, e a iluminação acompanhada de uma mobília minimalista eram uma das poucas coisas capazes de fazê-lo esquecer de seus infintos problemas e preocupações.

Tomado por um acesso de fúria, ele desferiu um golpe

contra a pilha de livros e papéis que ocupavam a mesa, fazendo com que os objetos voassem e o computador caísse violentamente no chão, espalhando destroços em todas as direções. Em uma batalha interna para domar sua fúria, desferiu um soco contra a estrutura de madeira da mesa, seus punhos cerrados como pedras.

“*Velho maldito!*” Ele cuspiu, as palavras carregadas de ódio, um eco amargo do confronto anterior. Não aceitaria ser diminuído daquela maneira. Não poderia se deixar consumir pela raiva. Não agora que—

—ou nunca seremos capazes de obter controle sobre nossos inimigos.

As palavras de Wright pulsavam em sua mente, como o martelar persistente de um sino, sabotando qualquer tentativa de concentração.

Johnny afundou-se em sua cadeira, os cotovelos apoiadados sobre a mesa. Empenhado em recuperar a calma, ele inspirou e expirou lentamente até sentir a tempestade em seu peito se acalmar. Quando teve a certeza de que seu vulcão interno não entraria em erupção, ele apanhou o telefone do bolso do paletó, discou um número e pressionou o aparelho contra o ouvido direito, esperando a chamada ser atendida.

“Sr. West?” A voz de Jeremy Stone, um de seus mercenários, espreitou do outro lado, astuta, mas tingida de uma nota de cautela.

“Junte seus homens. Preciso que partam para a Bolívia amanhã,” ordenou Johnny, a promessa feita a Wright uma semana atrás, assim como a reunião da qual acabara de sair, reverberando em sua mente. Por um momento, o silêncio se apoderou do ambiente enquanto a lembrança daquele encontro lhe veio à mente...

“Devemos encontrar aquele ídolo o mais rápido possível,” rugia Wright pelo telefone. “Tenho certeza de que ele está conectado aos escaravelhos!”

“Estamos trabalhando nisto, senhor,” Johnny respondia sempre, incitando a irritação de Wright, já cansado da mesma desculpa. “Nossas pesquisas nos conduziram até o artefato, mas ele se encontra numa região remota e de difícil acesso. Não podemos iniciar as buscas sem antes—”

“Não quero saber!” Wright o interrompeu bruscamente. “Estamos correndo contra o tempo. Use os recursos que forem necessários. Apenas traga-me aquele *maldito* artefato!”

A voz de Wright ainda ecoava em seus ouvidos, despertando Johnny de sua lembrança.

*Apenas traga-me aquele maldito artefato!*

“É vital que o artefato seja encontrado,” Johnny retomou a conversa ao telefone, a voz carregada de urgência. “Se não tivermos os escaravelhos até o fim do mês—” sua voz falhou, a ameaça odiosa de Wright voltando à sua memória. Então continuou, “William Wright está convencido da localização e da ligação que este artefato tem com os escaravelhos.”

Johnny lutava para entender como um artefato pré-colombiano poderia auxiliá-lo na busca pelos escaravelhos e como Wright sabia da existência de tal objeto na Bolívia — uma informação confirmada nas pesquisas de Johnny. Ainda assim, decidiu não questionar. Por enquanto, não tinha outra opção senão obedecer às ordens de Wright.

“Leve quantos homens for preciso. Encontre-o e traga-o para mim!” Concluiu Johnny, desligando o telefone em seguida. Seus olhos cintilavam com determinação, enquanto um sorriso triunfante aflorava em seu rosto de feições inalteradas pelo tempo.

*Está tudo sob controle*, pensou ele, aspirando profundamente. *Meus homens vão trazer o artefato e, com isso, conseguirei acalmar a Ordem — e aquele velho!*

Johnny se ergueu de sua cadeira, avançando até a porta. Pegou o elevador e desceu para o térreo da West Enterprises.

Ali, quando as portas duplas de um dos quatro elevadores se abriram, ele observou William Wright deixando o prédio, amparado por sua bengala ao passar pela porta giratória.

Ele assistiu o líder da Ordem de Seth de um canto discreto do saguão por alguns momentos. Havia algo inquietante naquela figura, algo que Johnny não conseguia decifrar. No íntimo, ele tinha certeza de que Wright escondia um segredo muito maior e era apenas uma questão de tempo até que descobrisse o que era.

\* \* \*

A água fria do Lago Clark estava começando a congelar os ossos de Logan Müller, trazendo calafrios cada vez mais intensos. Ainda assim, seu olhar se manteve firme quando encontrou o que estava procurando.

Ele era um arqueólogo americano de descendência suíça e dedicava seu tempo trabalhando nos corredores históricos do Museu do Louvre, em Paris, onde morava desde então. Contudo, a indiferença do curador era um lembrete constante que seu nome ainda não estava marcado no panteão dos grandes descobridores arqueológicos.

*Tudo vai mudar agora*, pensou ele, o olhar fixo na entrada subaquática da caverna. Suas suspeitas foram confirmadas durante sua visita solitária ao Parque Nacional e Reserva do Lago Clark, no Alasca. A prática de remo no lago, uma de suas atividades favoritas, foi interrompida por uma vibração incomum originada das profundezas calmas da água.

A superfície serena do lago, um espelho que refletia o azul celestial matinal, estremeceu, chacoalhando o barco de Logan. Cativado pela imponência dos cumes nevados e pela silhueta das árvores coníferas delineando o horizonte, ele se viu surpreendido. Por um momento fugaz, a pintura refletida no lago se contorceu em ondulações.

Estranho, ele ponderou, suas mãos firmes nos bordos do barco, os olhos estudando meticulosamente o entorno. A solidão era a única testemunha presente.

Motivado pela curiosidade que alimentou sua infância e, eventualmente, o conduziu ao mundo da arqueologia, ele resolveu mergulhar. Aquela escolha, talvez a mais acertada de sua vida, fez seu coração disparar ao revelar uma estrutura inequivocamente feita por mãos humanas, abrigada dentro de uma caverna submersa, uma descoberta absolutamente inesperada.

Logan nadou até a construção adornada com musgos e plantas aquáticas, esforçando-se para manter a calma, embora a água fria do amanhecer de um outono incipiente tornasse o desafio árduo.

A entrada se distingua por uma abertura simples, mas seus detalhes laterais a separavam de uma mera formação rochosa. Não, aquilo não era só uma caverna, e o corredor por onde Logan nadou só confirmou essa suspeita. Não possuía entalhes ou inscrições; era apenas um trajeto em granito que culminava em uma abertura no teto.

Emergindo à superfície, ele encontrou-se dentro de uma espécie de câmara de teto ovalado, semelhante a uma gruta. Sem a presença de estalactites ou stalagmites, a natureza peculiar do lugar era ainda mais evidente. Um brilho azulado irradiava da água, tingindo as paredes e o teto ao redor, enquanto o chão, composto por blocos massivos de granito acinzentado, permanecia úmido, mas firme sob os pés.

Fugindo do frio que já ameaçava paralisar seus músculos, Logan saiu prontamente da água. Com seu equipamento de mergulho e uma mochila contendo uma lanterna, ele se preparava para explorar a câmara. Alto, atlético e de boa aparência, Logan se destacava com seus cabelos loiros curtos e olhos mutáveis, alternando entre tons acinzentados e azulados. Recuperando a compostura e liberando-se do peso dos

equipamentos, ele lançou um olhar de admiração ao teto ovalado, antes de desviar a atenção para uma entrada adiante. O teto próximo à porta era sustentado por duas colunas gravadas com hieróglifos egípcios — um detalhe que aprofundou ainda mais o mistério.

“Impossível,” ele sussurrou, esfregando os olhos num gesto automático de surpresa. A expressão em seu rosto se transformou de assombro para incredulidade enquanto se aproximava das colunas esculpidas. *Os egípcios aqui? Não, isso é impossível!*

Apesar disso, a realidade diante dele desafiava todas as explicações plausíveis. Um templo de aparência egípcia, escondido nas profundezas de um lago no Alasca, a milhares de quilômetros de distância do Egito e em um continente completamente diferente.

“Como isso é possível?” Sua voz ecoou no silêncio da câmara, dando voz aos pensamentos que reverberavam em sua mente. Uma descoberta como essa poderia reescrever o que se sabia sobre o Antigo Egito — e sobre a sua própria carreira como arqueólogo.

*Eles provavelmente nem acreditariam em mim,* ele pensou, um pingo de dúvida tingindo seus pensamentos de incerteza.

Então, um estalo de memória. A câmera! Ele a havia trazido consigo. Com movimentos firmes e determinados, ele preparou a câmera e começou a documentar a entrada do templo e as colunas, registrando cada detalhe com a meticulosidade de um detetive em uma cena de crime. Ele não retornaria apenas com meras palavras, que aos ouvidos dos administradores do museu pareceriam uma piada de mau gosto.

*Um templo egípcio no Lago Clark?* Ele quase podia ouvir o sarcasmo na voz do curador. *Claro, e o Monte Olimpo está convenientemente localizado no topo do Empire State Building!*

Não, ele retornaria munido de evidências incontestáveis. Algo extraordinário, desenterrado em um local tão remoto, desolado e improvável que nem mesmo o mais céptico dos curadores se atreveria a descartar.

“Eles não vão acreditar!” Disse ele, um brilho de entusiasmo em seus olhos e a respiração acelerada pela euforia da descoberta.

As paredes do corredor eram repletas de altos relevos meticulosamente esculpidos, hieróglifos espalhados como constelações de histórias contadas na pedra, num contraste marcante com a entrada do lago. Logan avançou, descendo um pequeno conjunto de degraus que desembocava em uma antecâmara, sustentada por quatro robustas colunas.

Em frente, um corredor se estendia como uma veia misteriosa, sinalizando um caminho rumo ao desconhecido. À direita, um vestíbulo bifurcado terminava em uma estátua monolítica do deus Seth, austera e desprovida de ornamentos, evocando a forma imponente de um sarcófago.

Com a câmera em mãos, ele registrou cada canto do anexo, seus olhos explorando as pinturas e hieróglifos com a atenção minuciosa de um arqueólogo sedento por conhecimento.

De volta à antecâmara, Logan seguiu em frente, movendo-se lentamente pelo corredor à sua frente, descendo outro conjunto de escadas. O que encontrou a seguir fez com que seu coração quase parasse.

O cerne da sala era ancorado por um altar, esculpindo um quadrado em torno de um obelisco que se estendia quase até a crista do teto alto. Porém, o que realmente roubou seu fôlego foi o conjunto de rochas irregulares e de variados tamanhos, flutuando ao redor do monumento de forma lenta e melancólica, repetindo a mesma coreografia etérea a cada volta concluída.

“Que... lugar é esse?” Sua voz saiu quase um sussurro, a

expressão cravada em seu rosto era um retrato da perplexidade.

A câmara quadrada na qual se encontrava era moldurada por mais quatro colunas, todas marcadas com hieróglifos. À esquerda e à direita, duas salas anexas abrigavam vasos antigos, enquanto a área ao fundo se destacava pela presença de quatro estátuas do deus Seth, levando-o a questionar o porquê de tal deidade ser tão frequentemente representada.

“Um templo de adoração a Seth,” Logan pronunciou, sua voz ainda tingida de incredulidade. Com a câmera em mãos, ele fotografou cada detalhe que considerou crucial, determinado a não deixar escapar nada. “Por que aqui?”

Nas paredes ao redor da câmara, ele encontrou mais representações de Seth, empunhando uma lança na barca solar, batalhando contra Apófis, a serpente do caos, enquanto o deus-sol, Rá, se assentava em seu trono.

Ele então se aproximou do epicentro onde as rochas fluíavam, seu cérebro trabalhando a todo vapor para processar o inacreditável espetáculo visual. Mesmo assim, a lógica lhe escapava.

Com passos cuidadosos, ele circundou o obelisco, seu olhar fixo no monumento. Ao observá-lo mais de perto, percebeu que o mesmo símbolo se repetia pelos quatro lados da estrutura:



“*Kheper?*” Logan vocalizou o hieróglifo, esforçando-se para recordar o símbolo do deus-sol — um escaravelho que simbolizava o renascimento.

No momento em que pronunciou a palavra, uma luz cintilante revelou um escaravelho suspenso entre as rochas. Seus detalhes e contornos azuis eram impressionantes, e apesar de

ser pouco menor que a palma de uma mão, foi o suficiente para capturar a atenção de Logan.

“Eu não—” a voz dele falhou novamente, os olhos repletos de admiração, e ele não hesitou em fotografá-lo. “Eu não acredito.”

Logan rodeou novamente o enxame de rochas flutuantes, acompanhando o fluxo de energia que fazia o escaravelho subir e descer suavemente. Com o olhar repleto de curiosidade, ele observou o escaravelho até que ele estivesse ao seu alcance e estendeu a mão cuidadosamente, evitando colidir com qualquer uma das rochas. Quando o artefato foi tocado pela pele nua de Logan, seu brilho intenso diminuiu, mas isso não o fez menos fascinante.

O escaravelho em suas mãos pulsava com um brilho âmbar, esculpido em ouro puro com detalhes cravejados de lápis-lazúli — uma pedra azulada como o céu do crepúsculo, um espólio frequentemente encontrado nos tesouros egípcios. Na face inversa, um padrão de hieróglifos misteriosos, linguagem que para Logan, sempre foi como ler um livro em braile com luvas de jardinagem.

Ele lançou um olhar cauteloso ao redor quando uma vibração suave na câmara viajou até seus pés. Nada disso era um sonho, ele tinha certeza. Real, porém, insondável. Ele estava em um templo dedicado a Seth, não nas areias escaldantes do Egito, mas no coração do Alasca, envolvido pelo gelo e pela água de um lago cristalino.

Essa descoberta desafiava tudo o que ele sabia sobre civilizações antigas, as peças do quebra-cabeça não se encaixavam.

Sob a sombra espectral das colunas do templo, ele percebeu que o antigo Egito não guardava apenas segredos históricos, mas também paradoxos do espaço-tempo. Ele estava ali por uma razão ainda não revelada, um propósito que parecia tão antigo quanto a civilização do Nilo.

A decisão de desvendar esse enigma não foi uma escolha, mas uma necessidade. A curiosidade ardia como fogo na floresta, consumindo-o. Toda a vontade de retornar a Paris e revelar sua descoberta ao mundo evaporou como neve ao sol. Ele precisava explorar o desconhecido antes de chamar a atenção mundial para aquele santuário improvável.

“E quando a hora chegar, vão me colocar nos livros de história,” ele declarou, sua voz ecoando pelo templo.

Seu olhar fixou-se no artefato em suas mãos e no templo que o rodeava. Ele estava disposto a mostrar a si mesmo e ao austero curador do Museu do Louvre que ele, Logan, era um aventureiro capaz de destroçar os limites do conhecido.

“Quem é o mero curioso agora, hein?”

Com cuidado, ele acomodou o escaravelho em seu invólucro seguro dentro da mochila e, exibindo um sorriso largo de felicidade e fascínio, capturou uma *selfie* com as imponentes estátuas de Seth ao fundo. Antes de abandonar o santuário de pedra, ele se assegurou de fotografar cada pedaço do templo, cada hieróglifo, cada detalhe — um verdadeiro raio X para decifrar em seguida.

Logan retornou ao seu equipamento de mergulho, vestindo a roupa de Neoprene e ajustando as máscaras de oxigênio com a experiência de quem já dançou essa dança inúmeras vezes.

Ele respirou fundo, enchendo seus pulmões como um balão prestes a flutuar, e então, mergulhou na água gélida, levando consigo o escaravelho de ouro que encontrara.

Assim que Logan cruzou o limiar de saída do templo, mais tremores fizeram a vasta câmara tremer, e as enormes rochas que flutuavam ao redor do obelisco se fragmentaram em pedaços menores. No centro desse caos nasceu uma nova figura — um cristal bruto, cujo rubro intenso no interior ondulava como sangue escorrendo em água clara.

O estranho artefato, assim como o escaravelho outrora, flutuava entre as rochas com um movimento quase fúnebre, seguindo o fluxo melancólico de suas companheiras metamórficas, esperando até que alguém o tocasse.

# CAPÍTULO 1

---

**A**densa neblina envolvia a montanha coberta por árvores, tecendo um labirinto invisível na estreita estrada de terra desprovida de qualquer sinalização.

Alex Canyon acelerava o jipe, fazendo o motor roncar, impulsionado por uma ansiedade quase palpável. Mesmo ciente de que sua pressa poderia resultar em sua morte prematura aos seus vinte e seis anos, o arqueólogo inglês não temia a possibilidade. Já havia dançado com a morte em tantas ocasiões que tinha se tornado quase imune ao medo.

O vento traçava riscos desordenados em seus cabelos a cada curva que fazia, enquanto seus olhos castanhos astutos permaneciam concentrados na estrada.

A camiseta Henley preta de mangas longas abraçava seu corpo definido, e a calça azul destacava-se pelos detalhes em preto habilmente distribuídos na cintura, nos joelhos e nos tornozelos, conferindo um toque de estilo sem comprometer sua mobilidade. Nos pés, as botas de alpinismo completavam o conjunto, proporcionando não apenas elegância, mas também a confiança necessária para enfrentar qualquer desafio.

Seu equipamento incluía um gancho de escalada, e abaixo da cintura, em coldres firmes, repousavam um par de pistolas HK45, com compensadores de recuo acoplados. Afinal, Alex Canyon não era apenas um arqueólogo comum. Embora boa parte de sua trajetória profissional tivesse sido dedicada a escavações e pesquisas mundanas, um dia ele descobriu que existia uma linha tênue entre o que era real e o que era mito, uma revelação que mudou completamente sua

perspectiva sobre o mundo.

Durante uma de suas inúmeras pesquisas, Alex fez uma descoberta fascinante: uma poderosa conexão entre os deuses Kukulcán e Quetzalcóatl, venerados nas antigas civilizações maia e asteca. Aprofundando-se nas evidências, ele chegou à conclusão de que ambos eram manifestações da mesma divindade.

Movido por sua busca incansável por conhecimento, Alex embarcou em uma jornada para obter mais informações que pudessem comprovar sua teoria. Foi assim que ele acabou encontrando a própria tumba, cuidadosamente oculta sob a imponente Pirâmide de Kukulcán, na Península de Yucatán, no México. Para chegar até lá, decidiu iniciar sua investigação explorando o Templo de Quetzalcóatl, em Teotihuacán, onde descobriu um disco adornado com o emblema da serpente emplumada, escondida em uma câmara subterrânea.

Seu caminho infelizmente acabou se cruzando com o de James Andrew, um arqueólogo mercenário que tentou roubar a descoberta de Alex à força.

Embora Alex tenha conseguido despistá-lo temporariamente durante a jornada até a Pirâmide de Kukulcán, logo foi descoberto pelos capangas de James pouco depois de desvendar o acesso à tumba. O que nenhum deles poderia imaginar é que ao violarem a entrada da tumba, despertariam antigos guardiões que não hesitaram em eliminar todos os intrusos, deixando Alex com uma tremenda dor de cabeça.

No desfecho da história, James acabou sendo preso em flagrante, acusado de violação de sítios arqueológicos, e teve que dar explicações à polícia sobre os corpos espalhados pelo local.

A famigerada Estrada da Morte, como era conhecida, se estendia sinuosamente pela montanha, desafiando a coragem daqueles que a percorriam. Com altitudes que variavam de

mil até impressionantes quatro mil metros, a estrada se agarra perigosamente à encosta, enquanto os precipícios ameaçadores se erguiam ao lado de uma via estreita, com meiros três metros de largura.

Alex estacionou o jipe em um ponto próximo, onde uma cruz solitária marcava a beira da estrada, e uma cascata rugia logo adiante. Tinha certeza de que aquele era o lugar certo.

Há algumas semanas, Alex se dedicava intensamente à sua pesquisa sobre a cultura Chavín, uma antiga civilização pré-incaica. Esse povo cultuava o deus com cetro, o jaguar, durante o período conhecido como Horizonte Inicial, entre 1500 e 500 a.C., com seu centro em Chavín de Huántar, no Peru. No entanto, à medida que suas investigações avançavam, ele encontrou indícios que sugeriam uma possível migração para a Bolívia, com o objetivo de disseminar o culto em torno da divindade felina.

Surpreendentemente, nenhum arqueólogo havia encontrado vestígios dessa civilização na Bolívia. Foi então que Alex recebeu uma foto de um artefato relacionado a essa divindade, enviada por seu antigo amigo Richard Allen, um estudioso das civilizações pré-colombianas e a única pessoa com quem compartilhara suas descobertas. O artefato era uma espécie de ídolo, de um verde esmeralda deslumbrante, com olhos mesclados em tons de amarelo e vermelho, do tamanho aproximado de uma mão — o suficiente para que Alex tivesse certeza de sua importância. Infelizmente, Richard desaparecera logo após enviar todas as informações. Isso levou Alex a tomar a decisão de investigar, esperando que seu amigo estivesse seguro e motivado pelo desejo de comprovar sua teoria.

Alex e Richard se conheciam a muito tempo, e embora o contato entre eles tivesse diminuído ao longo dos anos e houvesse uma grande diferença de idade, sempre foram bons amigos. Rick, como Alex o chamava, havia sido uma ajuda

inestimável em sua pesquisa sobre Kukulcán e Quetzalcóatl, pois era um especialista nesse assunto. Apesar disso, Rick nunca se envolvia em nada além do estudo e da teoria. Por isso, quando Alex encontrou um bilhete em seu escritório em Yucatán, informando que ele partira para a Bolívia em busca de algo relacionado à cultura Chavín, sua curiosidade foi despertada. Imaginava que, para Richard ter ido procurar algo na Estrada da Morte, ele deveria estar mais confiante do que nunca de que Alex havia desenterrado com sucesso mais um pedaço desconhecido da história. A foto, juntamente com as informações, apenas reforçava essa suposição.

“Bem, vamos lá,” murmurou Alex enquanto estudava a montanha imponente que estava prestes a escalar, a neblina ainda densa pairando sobre o vale. “Hora de trabalhar.”

Ele pegou sua mochila e saiu do jipe, verificando a lanterna de ombro acoplada à alça direita. Em seguida, colocou um comunicador equipado com uma pequena câmera em sua orelha direita. Conectou-se ao servidor através de seu celular e chamou pelo nome de seu amigo e assistente, “Chris?”

Por alguns instantes, tudo o que ele ouviu foi estática.

“Chris, você consegue me ouvir?” Ele chamou novamente.

Mais estática.

E então, um baque surdo.

“Alex?” Chamou a voz ofegante de Chris, como se estivesse correndo, mas Alex ignorou esse pensamento, pois Chris não era conhecido por ser atlético.

Chris Anderson, um hacker britânico de vinte e cinco anos, havia perdido seus pais em um acidente de carro dois anos atrás. Desde que eram mais jovens, ele e Alex sempre estiveram juntos, e o arqueólogo não hesitou em acolhê-lo em sua própria casa.

Na maioria das vezes, senão todas, Chris ficava sentado atrás de computadores, fornecendo informações a Alex e

sendo seus olhos extras em suas aventuras *perigosas e desnecessárias*, como ele costumava dizer, pois preferia o conforto de sua poltrona e a segurança de um belo lar.

“Estou vendo e ouvindo você,” disse o assistente ao som frenético de digitação no teclado. “Então, essa é a famosa Estrada da Morte.”

Alex olhou ao redor, admirando a beleza das montanhas cobertas por árvores que pareciam tocar as nuvens dispersas e a neblina que logo começaria a se dissipar diante da luz do sol.

“*Camino a Los Yungas*,” respondeu Alex, permitindo que Chris visse a mesma paisagem através de suas palavras. “Lindo, não é?

“Sim, se você gosta de quedas vertiginosas e morte certa,” respondeu Chris secamente.

Alex riu.

A cruz solitária à beira da estrada servia como uma lembrança sombria daqueles que haviam perdido suas vidas se aventurando na perigosa estrada que ligava a região dos Yungas a La Paz. Do outro lado, uma seção desprovida de árvores na parede de rochas úmidas parecia pouco convidativa para escaladas, mas para Alex, aquilo não era um obstáculo.

Ele caminhou em direção às rochas, o ponto de partida de sua jornada, e olhou para cima, firmando seu aperto no gancho de escalada, cuja corda resistente estava enrolada em um dispositivo que permitia o recolhimento automático.

“De acordo com as coordenadas de Richard, este deve ser o local certo,” disse Alex, pressionando o comunicador firmemente contra a orelha para se certificar de que estava bem fixo. “Chris, vou começar a subir. Deseje-me sorte!”

Não houve resposta, apenas um lamento silencioso pela busca de encrencas de Alex em lugares inóspitos.

Alex lançou o gancho, ouvindo o zumbido contínuo da corda se desenrolando. Com uma mira precisa aprimorada

através de intermináveis treinamentos de alpinismo, o gancho se prendeu a uma rocha alguns metros acima. Ele puxou a corda com força e pendurou-se para testar sua resistência, e poucos segundos depois, ficou satisfeito.

“Sabe,” começou Chris, “às vezes acho que você esquece seu equipamento de alpinismo de propósito.”

“O que te faz pensar isso?” Perguntou Alex com um sorriso leve, sua mão esquerda protegendo seus olhos do sol.

“A falta do equipamento, talvez?”

Alex riu.

“Não se preocupe, Chris,” disse ele, transmitindo confiança a Chris, mas sendo realista o suficiente para reconhecer que um único erro poderia ser fatal, especialmente naquele local. “Não é a primeira vez que *esqueço* meu equipamento.”

A falta de equipamento não importava tanto para Alex, que estava mais preocupado em encontrar Richard e os vestígios da civilização pela qual dedicara tanto tempo de estudo. Além disso, o que seria de uma expedição arqueológica sem um pouco de aventura?

Ele iniciou a escalada imediatamente, aliviando o peso sobre a corda e se inclinando para trás. Com movimentos ágeis das pernas, avançou em direção ao ponto onde o gancho estava preso, desprendendo-o da rocha e permitindo que a corda se recolhesse rapidamente de volta ao seu cinto.

Suspensos a oito metros de altura, Alex segurou-se firmemente, usando apenas a força dos braços. Com destreza, avançou, agarrando-se às fendas e saliências no relevo rochoso. Rapidamente, ele se familiarizou com a topografia da montanha, dominando a escalada.

“O que você acha que está lá em cima?” Indagou Chris subitamente. “Além de um possível templo inca?”

“*Pré-inca*,” corrigiu Alex.

“*Pré-inca*,” repetiu Chris, com uma voz aguda e brincalhona.

Agarrando-se a outra fenda, Alex saltou para cima e depois para o lado, alcançando o outro lado da montanha e evitando as áreas densamente arborizadas.

“Ainda não sei,” respondeu o arqueólogo em seguida, dividido entre a dúvida e a certeza. “Espero encontrar o artefato da foto que Richard me enviou, para poder comprovar que a cultura Chavín também se estendeu à Bolívia, e não apenas ao Peru.”

Ele também queria acreditar que Richard estivesse bem, mas suas dúvidas persistiam. Não mencionou nada disso a Chris, é claro. Suas esperanças permaneciam fortes.

Alex continuou escalando a montanha, quando avistou de relance algo que poderia levá-lo ao que procurava. Um lampejo de excitação se manifestou em seu rosto e ele não pôde evitar um sorriso alegre e, ao mesmo tempo, preocupado, enquanto tentava afastar os pensamentos que o assombravam. Seria aquele o lugar onde seu amigo havia desaparecido?

Ele não tinha as respostas, e a única maneira de descobri-las seria explorando.

A caverna estava situada alguns metros acima, à sua direita, e encontrar sua entrada havia sido uma grande sorte, pois estava camuflada pela vegetação e pelos vestígios da neblina. Estendendo-se além da entrada, havia uma plataforma no lado de fora que Alex logo percebeu como usar em seu favor.

Mantendo-se firme em sua posição, ele examinou a montanha em busca de rochas sólidas. Quando encontrou uma, lançou o gancho com a mão direita. Mais uma vez, testou a resistência da rocha, pois seu plano era se apoiar nela e correr ao longo da parede o mais próximo possível da caverna.

“O que você está fazendo?” Questionou Chris.

“Algo que você não vai gostar,” respondeu ele, com a voz animada e maliciosa, como se pudesse antecipar a reação

de Chris. “Prepare-se!”

Mais uma vez, o silêncio prevaleceu, mas Alex percebeu um batuque vindo do outro lado. Como de costume, a perna direita de Chris trepidava sem controle, um reflexo de sua ansiedade que ocorria com frequência, especialmente após a frase ‘prepare-se’.

“Ok,” murmurou Alex para si mesmo, pausando por um momento e soltando vários suspiros curtos, preparando-se para algo perigoso.

Impulsionando-se com força contra a rocha sólida da montanha, ele segurou-se na corda com a mão esquerda e correu pela parede com seu corpo quase todo na horizontal enquanto seu braço direito movia-se para frente e para trás, a fim de construir *momentum*. Ao se aproximar da entrada da caverna, soltou o gancho da rocha e, com a mesma velocidade, deu um salto, utilizando toda a força de suas pernas.

Por um segundo, Alex jurou que ouviu a voz de Chris dizendo, “Meu Deus, esse cara só pode ser maluco!”

Com cálculos e tempo perfeitos, as mãos de Alex agararam a plataforma e seu corpo balançou, perturbando os galhos das árvores abaixo. Sentiu seus dedos formigarem, levemente entorpecidos pelo impacto. Concentrado em sua missão, ele ajustou suas mãos e puxou-se para cima, primeiro com os braços e depois jogou a perna direita na plataforma enquanto exalava o ar dos pulmões. Levantou-se com facilidade e soltou um suspiro aliviado. Sentiu-se orgulhoso, sabendo que todo aquele treinamento não havia sido em vão. Para Alex, qualquer habilidade desse tipo era mais do que útil.

Ele limpou a poeira das mãos e roupas e voltou-se para a entrada da caverna. A brisa que soprou pela montanha fez seu cabelo voar para o lado enquanto ele avaliava o novo local.

“Eu sei que cara você está fazendo, Chris!” Alex disse,

lembrando-se da expressão do amigo sempre que ele fazia algo perigoso. “Não me olhe assim!” Em seguida, ele riu. “Eu precisava chegar até aqui e não conseguiria de outra maneira.”

Alex estudou a entrada da caverna por alguns instantes, contemplando-a com atenção. Com a mão esquerda, acionou a lanterna presa à sua mochila. O feixe de luz atravessou a escuridão, percorrendo alguns metros à sua frente e iluminando a área com um brilho intenso.

“Preciso da sua ajuda agora,” apelou a seu amigo. “Mapieie a região usando a localização do GPS do meu celular. Pode ser útil caso eu precise sair daqui rapidamente.”

“Tudo bem,” respondeu Chris. O som das teclas sendo digitadas em seu computador foi audível para Alex. “Feito! Vou ter o registro de cada direção que você tomar. Você também poderá acessá-las em seu celular.”

“Obrigado,” Alex o agradeceu, avançando lentamente para o interior da caverna.

A caverna exalava um odor úmido e de mofo, como ele esperava. Com suas paredes irregulares, teto alto e várias formações de estalactites, Alex adentrava as amplas passagens, iluminando seu caminho com a lanterna. A partir daquele ponto, ele não pôde evitar sacar sua pistola com a mão direita e engatilhá-la.

“Sabe,” comentou Chris ao ver a arma, “não existem ursoos na América do Sul.”

“Mas existem pessoas,” respondeu Alex. “Não podemos descartar a possibilidade de que Richard tenha sido seguido até aqui.”

Por vários minutos, ele perambulou por um único corredor, que serpenteava pelo interior da caverna, dando-lhe a sensação de estar andando em círculos. A sensação de desorientação apenas aumentou quando Alex chegou a uma área em que o único corredor se transformou em vários, formando

um labirinto de caminhos que se estendiam em direções opostas. Ele agradeceu silenciosamente por ter solicitado a Chris que mapeasse seus passos.

Alex praguejou mentalmente, mas isso não o impediria de prosseguir. Ele parou no centro do corredor e observou as inúmeras passagens ao seu redor, tentando decidir qual delas seguir. Ele não tinha ideia de para onde ir.

“E agora?” Disparou Chris, já entrando em desespero.

Alex suspirou em resposta e se aproximou das entradas que levavam aos corredores, estudando-as por alguns instantes e considerando o que fazer. Ele estava prestes a escolher um dos caminhos à esquerda quando percebeu uma marca na parede do corredor ao lado.

Sem hesitar, ele guardou a pistola de volta em seu coldre e caminhou em direção ao corredor que se estendia em linha reta por alguns metros antes de se inclinar e mergulhar na escuridão. Com os dedos, Alex explorou a marca entalhada na parede, percebendo as marcas deixadas por alguma ferramenta utilizada para esculpi-la. Ele se abaixou para examinar os resíduos deixados, buscando pistas que pudessem revelar o caminho a seguir.

“Acha que Richard seguiu por este túnel?” Indagou Chris, mudando seu tom de preocupação para animação.

“Tudo indica que sim,” respondeu Alex enquanto se levantava. “E não há sinais de que ele tenha sido seguido.”

*Espero que esteja bem, Rick,* Alex ignorou o pensamento, balançando a cabeça e suspirando profundamente.

“Chris, preste muita atenção agora,” pediu Alex. “Pode ser neste lugar que ele desapareceu e não sabemos ao certo o que aconteceu ou se aconteceu alguma coisa.”

“Certo,” disse Chris, digitando em seu computador. “Você já caminhou pouco mais de cem metros dentro da caverna. Tome cuidado.”

Alex seguiu pelo túnel, a escuridão retrocedendo diante

do feixe de luz que o acompanhava. Caminhou em linha reta, o tempo parecendo se arrastar em sua mente, embora tenham sido apenas alguns minutos na realidade.

“Alex...” Chamou Chris mais uma vez. O som dos dedos digitando era audível junto com sua voz preocupada. “Perdi sua localização. Alguma coisa está causando interferência.”

Com a mão direita no comunicador, Alex parou de caminhar. Aguardou alguns instantes, esperando por uma solução do amigo, mas deduziu que nenhuma resposta viria. Ele olhou para trás e contraiu os lábios. Uma gota de suor escorreu pelo lado esquerdo de seu rosto e ele a enxugou com as costas de sua mão esquerda. Em seguida, verificou seu celular; de fato, a conexão GPS havia sido perdida.

“Não consigo restabelecer a conexão,” lamentou Chris. “Não posso mais rastrear seus passos.”

“Tudo bem, Chris,” disse ele finalmente, pensativo. Estavam dentro de uma caverna, afinal. O fato de ainda poderem se comunicar ali já era uma surpresa por si só, mas Alex preferiu não testar sua sorte e permaneceu em silêncio. “Vamos continuar.”

Alex seguiu adiante, absorto em pensamentos sobre o repentina desaparecimento da conexão do GPS. As preocupações preenchiam sua mente, como nuvens de tempestade obscurecendo seu caminho.

A névoa de pensamentos de repente se dissipou quando ele atravessou uma abertura na caverna e deparou-se com uma câmara inesperada — uma cápsula de espaço, destacando-se dos estreitos túneis. O teto, tão alto quanto o da caverna, apresentava aberturas que permitiam os raios de sol penetrarem, criando um jogo de luz e sombras. À sua frente, uma majestosa porta de pedra dourada, ornada com enigmáticos pictogramas, encontrava-se entreaberta, como se ansiasse por revelar seus segredos. Um feixe de luz atravessava o ar, apontando diretamente para Alex, enquanto ele

permanecia ali, atônito e impressionado com a grandiosidade da descoberta.

“Chris...” Sussurrou Alex, suas palavras saindo como uma reverência à magnitude do momento, antes de desligar sua lanterna, deixando-se envolver pela mágica luminosidade que inundava o local.

“Estou... estou vendo,” gaguejou o amigo, sua voz carregada de admiração.

Alex aproximou-se da porta, sem desviar seu olhar dos pictogramas entalhados, como se eles contassem uma história antiga e misteriosa. Com esforço, empurrou a porta, sentindo a resistência da rocha pesada se rendendo ao seu impulso. Por um breve momento, a intensa luminosidade que invadiu o recinto ofuscou sua visão, como se um portal para um novo mundo tivesse sido aberto à sua frente.

Quando recuperou a visão, ficou boquiaberto.

A porta havia se aberto para revelar um imenso pátio envolto por árvores altas, cujos galhos no topo pareciam proteger com zelo os segredos ocultos da montanha. Um caminho de pedras, ladeado por estátuas imponentes do deus jaguar, conduzia às ruínas que se erguiam no centro do pátio, formando um labirinto de meias-paredes. O chão era coberto pelas folhas das árvores, e uma clareira próxima transportava Alex para a sensação de estar imerso em uma floresta encantada.

A trilha se estendia além das ruínas, percorrendo vários metros até chegar a um majestoso templo incorporado à montanha, posicionado no lado leste. Uma imponente escadaria conduzia à entrada do templo, decorada com pictogramas e ladeada por mais estátuas imponentes.

“É inacreditável,” murmurou Alex, ainda absorvido pela grandiosidade da descoberta diante de seus olhos. Ele permanecia imóvel, incapaz de desviar o olhar diante da magnificência do lugar. Sentia-se inundado de felicidade e

exultação por ver sua pesquisa finalmente se materializando em resultados concretos.

“Algum sinal de Richard?” A voz de Chris trouxe Alex de volta à realidade, interrompendo seus devaneios.

Ele desviou o olhar das ruínas, consciente de que não podia se deixar levar pela sua grandiosidade. Era importante manter-se focado em sua missão de encontrar Richard e desvendar os mistérios do templo. Ele examinou atentamente o ambiente ao seu redor, procurando por qualquer vestígio que indicasse a presença de alguém, sem sucesso. A porta entreaberta parecia ser a única evidência de que Richard tinha encontrado o templo.

“Ainda não,” respondeu Alex, sentindo um misto de esperança e apreensão. “Mas tenho certeza de que ele esteve aqui. Richard conhecia muito bem a pesquisa e sabia o que procurava, ou talvez tenha tido sorte ao escolher o caminho certo.”

“Sorte é algo que não podemos subestimar,” comentou Chris, divertido com a situação.

*Nisso podemos concordar,* pensou Alex. Não fosse pela marca na parede, ele certamente estaria perdido na caverna, dando voltas em círculos.

Agachado no topo da escadaria, próximo à porta, a preocupação com o paradeiro de seu amigo ainda ecoava em sua mente. Alex desceu os degraus que separavam a porta da caverna do pátio e caminhou despreocupadamente pelas ruínas. Não sentiu a necessidade de fotografar cada detalhe, confiando na câmera de seu comunicador para capturar e enviar as imagens diretamente para Chris.

Enquanto percorria o labirinto de ruínas, Alex se maravilhava com a ideia de que aquele lugar ainda permanecia oculto do mundo. Um sítio arqueológico da cultura Chavín na Bolívia era um tesouro que faria os olhos de qualquer estudioso desta antiga civilização pré-inca brilharem.

Decidido a verificar sua localização no GPS, Alex buscou novamente o sinal, mas foi recebido com a decepção de que não havia conexão, seu último registro ainda dentro da caverna. Além disso, uma parte da imagem na visão aérea do mapa estava em branco, como uma falha nos pixels que causava uma sensação estranha em sua mente.

*Isso não faz sentido*, pensou Alex, suas sobrancelhas se franzindo levemente. Era uma situação inexplicável e desconcertante.

“Chris, pode verificar minha localização mais uma vez, por favor?” Pediu Alex, com uma ponta de esperança em sua voz.

“Claro, me dê um momento,” Chris digitou em seu computador por alguns segundos e retornou com uma resposta, sua voz um tanto desanimada. “Hum... parece haver uma interferência nesse local que está impedindo a localização e o registro da sua posição, Alex. Infelizmente, não posso te ajudar.”

Alex franziu o cenho, seus olhos se estreitando enquanto fixava o templo por alguns instantes. Uma sensação de empolgação percorria seu corpo.

“Interessante,” disse ele. A presença de uma interferência que afetava apenas aquela área indicava que algo ali não era tão comum quanto parecia.

“Acha que encontrou um *daqueles* lugares?” Indagou Chris.

Ele fez uma breve pausa, permitindo que seus pensamentos se organizassem. Sua pesquisa o havia levado a uma teoria ousada que desafiava as crenças estabelecidas sobre as civilizações pré-colombianas. Em seguida, seu amigo lhe enviara uma foto e informações sobre uma descoberta que poderia comprovar sua teoria. Agora, com a interferência no GPS, ele tinha quase certeza de que estava diante de um *daqueles* lugares.

“É o que pretendo descobrir,” finalizou Alex, continuando a percorrer o labirinto de meias-paredes.

Antes de se dirigir ao templo, ele decidiu se aproximar de uma das inúmeras estátuas do deus jaguar ao longo da trilha. Com cuidado, ele estudou cada detalhe do monumento. Apesar de sua beleza imponente, foram os olhos da estátua que chamaram sua atenção. Eles mesclavam tons de amarelo, semelhantes aos da foto do ídolo, e possuíam um aspecto líquido e misterioso, deixando o arqueólogo inquieto enquanto seus olhos pareciam seguir seus movimentos.

“Se Richard estiver aqui,” disse Alex, voltando-se para a escadaria do templo, “ele provavelmente estará lá dentro.”

Com essa certeza em mente, ele caminhou até o templo e subiu pela escada lentamente, admirando a grandiosidade de sua descoberta e prestando atenção em cada detalhe que parecesse fora do comum. Ao chegar ao topo, estudou a entrada sem porta que conduzia a um corredor amplo e extenso.

“Isso parece assustador,” comentou Chris, expressando a preocupação que também estava presente na mente de Alex.

Ainda que algumas áreas das paredes e do teto estivessem invadidas pelas raízes das árvores e cobertas por teias de aranha, o corredor mantinha-se surpreendentemente bem conservado. Pictogramas em alto e baixo relevo cobriam as paredes de pedra, apresentando uma sobreposição de imagens que retratavam diferentes formas do deus jaguar. A figura principal era representada como um felino de braços abertos, segurando um cetro. No chão, também adornado com relevos, uma sutil saliência dourada seguia em linha reta até o fim do corredor, dividindo as duas fileiras de imagens.

Alex não desviava o olhar do caminho à sua frente, seguindo a luz de sua lanterna, e parou a poucos metros dentro do templo para apreciar a arte que lembrava a Estela de Raimondi, uma placa de granito com quase dois metros de altura,

o primeiro objeto descoberto pertencente à cultura Chavín. Ele estudou meticulosamente as figuras gravadas na superfície, seguindo as linhas contínuas que delineavam diversas formas. Os contornos fluidos das imagens pareciam ganhar vida sob a luz suave que filtrava pelas frestas do templo. Cada detalhe minuciosamente esculpido representava uma parte da história e da cultura dessa antiga civilização.

Enquanto seus olhos percorriam a composição, Alex notou como as figuras se entrelaçavam e convergiam para um entalhe central. Ali, no coração da placa, uma representação perturbadora chamou sua atenção. Era a figura de um ser híbrido, metade homem e metade jaguar, com olhos penetrantes e expressão enigmática vestindo um amuleto que apagou o sorriso de seu rosto:



“Não pode ser,” Alex engoliu em seco, sentindo um arrepio percorrer sua espinha. Era como se uma sombra invisível dançasse dentro de seu corpo, lançando dúvidas e um sentimento de apreensão, contrastando com o fascínio inicial que aquela arte havia despertado.

Um véu de perplexidade envolveu sua mente quando seus olhos encontraram o inconfundível *Ankh*, o famoso hieróglifo egípcio que representava a vida, cuidadosamente entalhado no centro da representação do templo. Ele fixou o olhar na figura por alguns instantes, sua expressão uma mistura de incredulidade e fascinação. Não havia margem para dúvidas, era o mesmo símbolo que adornava as paredes dos templos do antigo Egito.

“Impossível,” sussurrou ele, colocando a mão sobre o hieróglifo.

“O que é?” Indagou Chris, curioso com a reação do

amigo.

“Um hieróglifo egípcio,” murmurou Alex, mais para si mesmo do que para Chris. “O que um hieróglifo egípcio faz em um templo pré-inca?”

“Será que houve alguma influência entre os dois povos?” Sugeriu Chris, tentando encontrar uma explicação plausível.

“Não,” explicou Alex, balançando a cabeça. “Além das vagas semelhanças mitológicas, os incas e os egípcios nunca tiveram contato. É simplesmente impossível. Eles viveram em épocas e continentes diferentes...”

Eram tantas as perguntas que fervilhavam em sua mente, mas ninguém que pudesse fornecer respostas. O cérebro de Alex trabalhava freneticamente, processando a avalanche de informações e revirando sua memória em busca de algo que pudesse lançar luz sobre aquele enigma, mas tudo o que encontrava eram becos sem saída.

E como se a descoberta de um hieróglifo egípcio em um templo pré-colombiano já não fosse perturbadora o bastante, um estrondo vindo da entrada do templo fez com que uma dose de adrenalina fosse injetada na corrente sanguínea de Alex. Ele se virou bruscamente em direção ao barulho, apenas para descobrir que uma maciça porta de pedra o trancara ali, isolando-o do mundo exterior.

“O que está acontecendo?!” Disparou Chris, sua voz repleta de pânico.

“Ah, que ótimo!” Respondeu Alex, seu tom carregado de sarcasmo.

No mesmo instante, o chão sob os pés de Alex começou a se rachar lentamente, começando na saliência dourada que percorria todo o caminho, enquanto o som agudo das lâminas giratórias ecoava pelo corredor vazio.

“Isso não me soa muito bom,” murmurou o arqueólogo, mantendo a calma.

“Corra, Alex!” Gritou Chris em seu ouvido, já tomado

pelo desespero. “*Saia daí!*”

Ele agiu imediatamente, olhando rapidamente para baixo, onde lâminas enferrujadas dançavam, desenhando um semicírculo nas paredes. Além disso, pontas afiadas decoravam o chão, estrategicamente posicionadas para que invasores não tivessem a menor chance de escapar com vida.

Alex se movia rapidamente pelo lado direito do chão em colapso, percebendo que ele estava se recolhendo mais rápido que o outro lado. Com agilidade, ele aumentou o ritmo e, com um salto habilidoso, conseguiu alcançar o lado esquerdo. Dali, visualizou o caminho à sua frente, calculando suas chances de escapar.

O tempo estava se esgotando rapidamente. Se ele caísse, seria partido em vários pedaços pelas lâminas afiadas e transformado em um pedaço de queijo suíço.

Procurando desesperadamente uma saída, Alex olhou para cima e seus olhos encontraram arcos de pedra que adornavam o teto até o fim do corredor. Um sorriso surgiu em seu rosto quando teve uma ideia — uma que Chris não iria gostar.

“Chris, feche os olhos!” Ele avisou.

Com menos de cinco metros até o final do corredor e o chão quase completamente recolhido nas paredes, Alex pegou seu gancho de escalada e lançou um olhar rápido para cima.

Só tenho uma chance, pensou ele. Não podia errar, caso contrário, seria o seu fim. Concentrando-se ao máximo, considerando a situação crítica, ele lançou o gancho que se prendeu perfeitamente em um dos arcos da parede.

Antes que Chris pudesse segurar a respiração, Alex já estava pendurado na corda, correndo pelo restante do caminho ao longo da parede, se aproximando das lâminas abaixo.

Quando ele alcançou uma altura suficiente, ele fez um salto ágil, realizando um giro no ar antes de aterrissar no chão. Com destreza, apoiou-se nas mãos, conseguindo parar de joelhos no exato momento em que o chão desapareceu

completamente no corredor. O silêncio que se seguiu foi interrompido apenas pela sua respiração ofegante, enquanto ele processava que acabara de escapar da morte por uma margem muito estreita.

“Belo salto,” elogiou Chris, sua voz carregada de tensão.

“Obrigado,” respondeu Alex, suspirando aliviado por ter acertado o lançamento do gancho logo na primeira tentativa. “Foi por pouco.”

Mesmo envolto em um sentimento de alívio, a preocupação se infiltrou em todos os seus sentidos, pois era a primeira vez que se deparava com armadilhas em um templo pré-inca. Esta não era, entretanto, sua primeira experiência com armadilhas em ruínas pré-colombianas, como bem recordava. Apesar disso, Alex não estava disposto a desistir e continuou sua jornada, mantendo sua atenção redobrada.

Naquele momento, suas lembranças o transportaram para a primeira vez em que enfrentou armadilhas em uma tumba, trazendo consigo a advertência de que os mitos, ou pelo menos a maioria deles, eram reais.

Havia se passado cerca de um ano quando ele encontrou uma tumba no Deserto de Gobi, ao norte da China, durante seus estudos sobre Qin Shi Huang, o primeiro imperador da China. Essa jornada o conduziu a algumas ruínas remanescentes da Grande Muralha no local.

Sua busca tinha como objetivo encontrar evidências que existia um segundo conjunto do Exército de Terracota enterrado sob a muralha antes de ser abandonado e a tumba do imperador ser movida para Xian. As esculturas representavam o exército de Qin Shi Huang e foram concebidas para protegê-lo no além-túmulo.

Ao final de suas explorações, Alex descobriu a tumba inacabada, assim como uma parte do exército enterrados sob a areia. Ainda assim, o que o assombrava até hoje era o que tinha acontecido momentos antes desse achado.

Enquanto trabalhava com sua equipe de escavadores, eles encontraram a entrada da tumba soterrada, e todos ficaram animados com a descoberta, sabendo que mais uma vez os olhos do mundo estariam voltados para o primeiro imperador da China.

“Vamos lá, pessoal,” disse Alex com determinação aos quatro escavadores que o acompanhavam na entrada da tumba. “Precisamos ficar extremamente atentos.”

O lance de escadas, sustentado por colunas e encoberto pela areia do deserto, se estendia por vários metros abaixo da superfície. Os feixes de luz das lanternas de Alex e dos escavadores projetavam sombras oscilantes nas paredes, criando uma atmosfera sinistra durante a descida.

Ao final da escada, duas majestosas estátuas de dragões guardavam a imponente porta dupla de pedra, ricamente adornada em alto relevo. Alex e dois dos escavadores se aproximaram, e de repente, um som de correntes desenrolando ecoou por toda a câmara. Num instante, duas placas de madeira maciça, cobertas por grossas lanças, desceram bruscamente das paredes.

“Cuidado!” Alertou Alex, mexendo-se com agilidade para escapar da morte iminente.

Infelizmente, os dois escavadores que haviam se aproximado não conseguiram ser suficientemente rápidos e foram cruelmente atingidos pelas lanças. A visão daquela cena macabra atormentava Alex desde então, levando-o a uma decisão crucial: ele agora se aventuraria sozinho, para não colocar a vida de mais ninguém em perigo durante suas expedições.

“Chamem ajuda!” Gritou Alex aos escavadores restantes antes que deixassem a tumba. Ele sabia que era tarde demais para salvar as vítimas da armadilha, mas ainda assim não pôde conter o grito, buscando em vão uma forma de mudar o destino trágico que se abateu sobre eles.

“Alex?” A voz de Chris ecoou no ouvido do arqueólogo, como se viesse de uma distância de centenas de metros, interrompendo seu devaneio sombrio. “Alex, você está bem?”

Alex despertou de suas lembranças, conseguindo afastar o pensamento sinistro que aquele lugar trazia à sua mente. Ele passou a mão pelos cabelos suados, afastando-os da testa, e respondeu, “Estou bem.”

Avançou pelo corredor em poucos passos até chegar ao fim. A porta que o havia prendido no templo permanecia fechada, mas ele decidiu não se preocupar com ela no momento. Sua prioridade era encontrar Richard e o artefato. Ele sabia que o amigo havia passado pela armadilha com sucesso, pois não havia nenhum corpo empalado nas lanças.

Alex prosseguiu pelo caminho, fazendo curvas para a direita e para a esquerda, até chegar a uma bifurcação na passagem. Na parede central, uma imponente imagem esculpida do deus-jaguar em baixo relevo chamou sua atenção, com seus traços entrelaçados formando uma estrutura verde escura.

“O deus com cetro,” murmurou Alex.

Ele optou por seguir o caminho da direita e adentrou uma câmara sem teto, mas coberta pelas copas das árvores da montanha. Várias estátuas do deus-felino adornavam o ambiente, posicionadas de cada lado da câmara, com seus olhos amarelos brilhantes se encontrando. Ao fundo, uma escada levava a outra câmara.

Alex atravessou a sala apressadamente, seus olhos desviando rapidamente das estátuas e dos pictogramas que decoravam o ambiente. Seu foco estava direcionado para as escadas que se erguiam à sua frente. Subiu os degraus lentamente, com passos cuidadosos, consciente da importância de estar atento a qualquer sinal de perigo. Cada degrau era uma oportunidade para tentar organizar seus pensamentos.

“Ainda sem sinal de Richard,” informou Alex.

“Talvez ele tenha conseguido pegar o artefato e sair daí,” sugeriu Chris. “Mas e se—”

A voz de Chris falhou antes que pudesse completar a frase quando os olhos de Alex se fixaram no objeto que se encontrava no final da próxima câmara. Era uma imagem idêntica àquela que Alex havia recebido no celular, confirmado que estava no lugar certo.

“Encontrei você,” murmurou Alex, sua voz entusiasmada. Parado ali, de frente com o artefato, ele sentiu seu coração pulsar mais forte.

A câmara se revelou ampla e espaçosa, com estátuas do deus jaguar estendendo-se até o fundo, como guardiões silenciosos. Elas pareciam parar em reverência diante do altar onde repousava o artefato. Alex notou a presença de seis largas fendas, cortando de um lado da parede até o teto e seguindo até o outro lado, criando um arco elegante entre as estátuas. O propósito dessas fendas permanecia desconhecido, e Alex as considerou meramente como elementos decorativos do lugar.

Erguendo-se majestosamente em um pedestal de pedra, no centro do altar, estava o artefato do deus-jaguar, um ídolo de valor inestimável. Suas formas esculpidas exibiam uma meticulosa atenção aos detalhes, enquanto cores vibrantes adornavam as paredes ao fundo, criando um contraste hipnotizante. O ídolo emanava um brilho suave de jade, destacando-se com seus olhos amarelos cintilantes, como estrelas em meio à escuridão.

A visão diante dele era a confirmação de que encontrara um verdadeiro tesouro arqueológico, um elo direto com uma civilização antiga.

“Mas onde está o homem?” Chris indagou.

Alex afastou o cabelo suado de sua testa mais uma vez, sentindo uma mistura de ansiedade e emoção pulsar em suas veias. Com passos determinados, avançou rapidamente para

o interior da sala. Seus olhos se fixaram no lado direito, onde a imagem capturada pela câmera do comunicador confirmou suas suspeitas e respondeu à pergunta de Chris.

Os olhos de Alex se arregalaram em choque e horror. Como se tivesse visto um fantasma, sua expressão se contorceu em terror, e instintivamente ele cobriu a boca com ambas as mãos, incapaz de conter a onda de emoções que o assaltou.

Por um momento angustiante, Alex sentiu o impulso desesperado de soltar um grito estridente, de deixar escapar todas as suas emoções. Ao abrir a boca, porém, nenhum som emergiu de sua garganta, como se suas palavras estivessem aprisionadas em um silêncio sufocante. O ar ao seu redor, de repente, se tornou denso e opressivo, e as lágrimas inundaram seus olhos.

“Que... merda!” Chris arquejou, sua voz trêmula ecoando palavras que pareciam se perder no ar, incapazes de descrever o que estavam presenciando.

# SOBRE O AUTOR



Nascido em 28 de fevereiro de 1994, em Taubaté, São Paulo, Brasil, Diego Lucas sempre teve uma profunda conexão com o passado, especialmente fascinado pelo Egito Antigo. Inspirado pelo mundo de *Tomb Raider*, ele sonhava em ser arqueólogo, mas ao perceber que os livros permitiam criar suas próprias expedições, escolheu o caminho da escrita.

Desde a infância, Diego cultivava sua paixão pela leitura, que se transformou no desejo de contar suas próprias histórias. Aos 12 anos, criou seu primeiro personagem, *Alex Canyon*, e escreveu *Os Escaravelhos de Seth*, marcando o início de sua jornada como escritor.

Atualmente, Diego reside em Dublin, Irlanda, onde continua a se dedicar à escrita, explorando novas histórias e personagens para transportar seus leitores a mundos de aventura e descoberta, muito semelhantes às escavações arqueológicas que um dia sonhou em liderar.